

A partir de uma conversa com
LÚCIA CRESPO**MIGUEL BALTAZAR**

Houve uma descolonização no papel, mas não nas mentes

Dois colonizadores portugueses vão coordenar um posto comercial numa zona remota do rio Congo, um lugar cheio de memórias de uma relação antiga com Portugal. Memórias que aparecem sob a forma de fantasmas em “Posto Avançado do Progresso”, filme de Hugo Vieira da Silva, numa adaptação portuguesa do conto homónimo de Joseph Conrad, que estreou ontem em Portugal. Hoje à noite, há uma sessão especial, no Cinema Medeia Monumental, que conta com a presença do realizador português. Autor de filmes como “Body Rice” (2006) e “Swans” (2011), Hugo Vieira da Silva desfia neste filme a ambiguidade da relação colonial. Um tema que o cativa desde sempre e em especial desde que se viu na condição de estrangeiro. Saiu de Portugal há 12 anos, viveu em Berlim, vive em Viena.

“P

osto Avançado do Progresso” é uma adaptação de uma “short story” de Joseph Conrad, escritor polaco que emigrou para Inglaterra e que viveu um pouco a condição de ser estrangeiro. Muito do seu trabalho foi escrito no interior do império colonial britânico e nas margens desse império. “Heart of Darkness” (1899) resulta da sua experiência no Congo e a “short story” “An Outpost of Progress” (1897) é uma crítica ao colonialismo. Na época, é um bocadinho seminal e introduz questões que vêm até ao presente, como, por exemplo, a ambiguidade da relação colonial. O escritor não vê as coisas a preto e branco, mas a zona cinzenta das coisas, e perspectiva e subjectiva uma personagem africana muito forte, algo que quase não acontecia na literatura.

No conto, há dois indivíduos, imbuídos do espírito do novo colonialismo do final do século XIX, do darwinismo e do positivismo, que são enviados para um posto de comércio. Essas ideologias da época também tocaram Portugal, embora Portugal já tivesse uma relação comercial antiga com aquela região. Uma relação de trocas e negociações que vinha do século XV. Isto permitiu-me agarrar no conto e fazer uma versão portuguesa. Temos, então, dois indivíduos um bocadinho em luta com o desconhecido. Eles vêm de Lisboa e são entregues àquele lugar, um lugar que está cheio de memórias de uma relação antiga com Portugal e que eu fiz aparecer, muitas vezes, sob a forma de fantasmas. Como se houvesse uma espécie de amnésia, que é uma coisa recorrente na História portuguesa. Há o 25 de Abril e, de repente, ninguém é colonialista. Há o 25 de Abril e, de repente, todos são anticolonialistas.

Africa não foi reflectida, a escravatura não foi reflectida. Não há um discurso pós-colonial transversal à sociedade portuguesa. Os problemas vão-se resolvendo, mas não se resolvem, os problemas ficam e, mais tarde ou mais cedo, voltam. Na minha opinião, é isso que contamina a péssima relação de Portugal com Angola. Olhamos sempre para Angola como um objecto económico de onde podemos tirar vantagens comerciais. Devíamos olhar para Angola de uma forma mais horizontal, e isso significa olharmos para a cultura, por exemplo. Quem é que conhece a cosmologia Bantu? Actuámos sempre numa lógica de domínio ou exploração, que perdura até hoje. Basta ir a Angola, há portugueses em cada canto do país e continua a existir a mesma atitude: montar um negócio, tirar a máxima vantagem...

Continuam a existir muitos estereótipos de parte a parte. Por vezes, há uma imagem idealizada do português. É muito frequente estarmos numa aldeia de Angola e chamarem-nos “patrão” por sermos brancos e por sermos considerados uma espécie de pai perdido ou qualquer coisa assim. A outra ideia, oposta, é achar que todos os problemas

de Angola resultam do colonialismo. A relação não é mesmo nada simples.

Sim, existe a figura do luso-angolano, mas perduram as teorias algo romantizadas do Gilberto Freyre, estimuladas pelo salazarismo. É verdade que houve miscigenação, mas, na minha leitura, isso tem muito que ver com questões económicas. Portugal teve um colonialismo virtual porque não tinha população para povoar densamente todas as zonas. E, com a decadência económica a partir de finais do século XVII, ainda é mais assim. Um indivíduo com uma casa comercial assente na costa angolana, para ir buscar produtos ao interior, tinha de fazer dois quilómetros e atravessar reinos e potentados. Muitas vezes, estes indivíduos casavam com filhas de soberanos locais para facilitar as relações. Por outro lado, há uma ilusão de poder por parte do colono – no filme, quem tem poder é, de alguma maneira, o angolano, que manipula os portugueses. Portanto, a miscigenação era mais uma forma de sobrevivência do que o





resultado de algum gene particular português de se misturar.

Todo o aspecto colonial está muito fossilizado nos comportamentos, nos corpos, nas relações, em tudo. Quando uma criança aprende História de Portugal, aprende uma cronologia heróica. Sobre o Outro, não aprende nada. Há qualquer coisa de profundamente racista nos portugueses, eu acho, e é algo que está de tal forma enquistado que as pessoas não vêem.

Mas o meu filme não pretende “defender” o ponto de vista do angolano. Por não ser angolano, eu nunca poderei perceber profundamente a cosmologia Bantu, por exemplo. As culturas são intraduzíveis, mas é interessante ter uma abertura para elas. Por outro lado, há mitos que têm de ser desconstruídos na história de Portugal com Angola: já havia escravatura antes de os portugueses lá chegarem e, no início, não fizeram mais nada senão comprar escravos e comercializá-los, era um negócio para as duas partes. Convém perspectivar todas estas coisas, convém entrar nesta zona cinzenta e evitar descrições bipolares, de bons e maus, de colonizador e colonizado.

Houve uma descolonização no papel, mas não nas mentes. Há uma geração mais nova que está a pôr tudo em causa. Eu sempre me interessei pelo tema. Vivo fora de Portugal há 12 anos, vivi na Alemanha e agora vivo em Viena, e as diferenças culturais que senti aguçaram o meu interesse sobre a História do país e a construção da identidade portuguesa. O facto de ser colocado na condição de estrangeiro fez despertar este meu interesse. E percebi, também, que os portugueses têm muito mais em comum com um angolano do que com um austríaco, por exemplo. É uma evidência que há um potencial enorme na relação com África. E não quero desviar estas palavras para um sentido económico. Há um potencial incomensurável de conhecimento. Temos mesmo de olhar de outra forma para África.

Quando fui viver para a Alemanha, no início, eu tinha a ilusão de que as coisas eram mais ou menos iguais mas, com o andar do tempo, percebi que temos culturas profundamente diferentes. A Europa é uma manta de retalhos. Uma relação en-

tre um português e um húngaro é uma coisa improvável, longínqua. A Europa como projecto económico é questionável e como projecto social está cheio de contradições. O Tratado de Schengen, por exemplo, é uma ideia genial: todos podem circular dentro. Mas há uma fronteira externa que rodeia tudo o resto. Schengen abre para dentro, mas fecha para fora. Com Schengen, muitas pessoas foram discriminadas.

O que se passa hoje na Europa é inacreditável. Por causa de um milhão de refugiados? É ridículo. A Alemanha está politicamente fracturada. Na Áustria, uma boa parte da população é muito rural e conservadora. São países que têm uma empregabilidade óptima e sistemas sociais perfeitos e que, ao mínimo ruído, ficam em pânico. É tudo uma mistificação. Claro, devo dizer que, quer na Alemanha quer na Áustria, há muitas pessoas prontas para prescindir um bocadinho do seu luxo e ajudar quem precisa. Eu estou ali em Viena e vivo isto todos os dias, tenho amigos que têm refugiados em casa. Temos sinais contrários, as coisas polarizaram-se. **W**